

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES  
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM ECOLOGIA SONORA



**GEPES**

**GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM ECOLOGIA SONORA**

A sociedade é sonora! Nosso ambiente é repleto de sons que são parte integrante da Paisagem Sonora que o compõe e se transforma à medida que sons e mais sons são acrescentados e ou suprimidos do ambiente, em boa parte, pela ação do ser humano. Hoje, produzimos, cada vez mais e de forma desordenada, sons que vão se tornando parte do ambiente transformando-o dia a dia numa “odisséia sonora” que vem deixando, gradualmente, surda nossa sociedade.

Assim, com o intuito de estabelecer interface entre Ensino de Música e ambiente, fundamos o Grupo de Estudos e Pesquisa em Ecologia Sonora - Gepes, onde empreendemos pesquisas na interface que se estabelece em busca da Ecologia Sonora e da Educação Sonora. Em pleno século XXI, ainda há lugar, ao nosso olhar equivocado, para o uso do termo meio ambiente, associando-o a espaços e paisagens rurais ou simplesmente ligadas à fauna e à flora; prevalece, ainda, uma visão naturalizada de meio ambiente. Certamente estas imagens fazem parte do ambiente, porém, não são únicas; estas imagens compõem o complexo que se consubstancia no termo “ambiente”. Morin, contribui para o entendimento do termo “complexo”; segundo ele, “(...) a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas(...)” (2011, p. 13). Assim, o ambiente contemporâneo é formado por todos os elementos que nele estão contidos – sejam agradáveis ou não – e nós, seres humanos, que talvez sejamos os maiores responsáveis por significativas transformações, fazemos parte dele.

O Gepes, que hoje se encontra diretamente vinculado com o programa de Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES/UFMA, se preocupa com isso e percebe que a “A importância na articulação, conhecimento e aplicabilidade visando uma melhoria nas

relações do homem com a sociedade, nos é primordial, buscando interação e possível transformação do ambiente social”(SILVA, 2011).

Neste nosso 5º editorial, em 11 anos de atividade, o Gepes traz uma entrevista com o professor e pesquisador, Dr. Marcelo Petaglia do Instituto OuvirAtivo de São Paulo, falando um pouco sobre sua formação, experiência e vivência nos caminhos dos sons.

Esperamos que aproveitem esta oportunidade de conhecer um pouco mais sobre ecologia acústica, sonora e musical.

#### Algumas palavras...

“O professor Marco Aurélio tem se mostrado um pesquisador interessado e atuante com inegáveis benefícios para a Universidade onde atua, para o estado do Maranhão e para todo o Brasil e, em minha opinião tem o perfil acadêmico adequado para desenvolver os estudos a que se propõe(...) Ele tem muito boa formação acadêmica e está investindo em uma área ainda iniciante no Brasil – a da Ecologia Acústica – com aplicações nas áreas de Educação e de Artes(...)”

**Profª Drª Marisa Trench de O. Fonterrada.**  
**Instituto de Artes da UNESP - SP -Brasil**

“Caro Marco Aurélio, parabéns pela iniciativa. Deste lado do atlântico, espero que possamos estreitar relações institucionais, de forma a que possamos ser parceiros em muitos dos projectos que por aí vão sendo realizados. Um abraço transatlântico”.

**Prof. Dr. Levi Leonido F. da Silva**  
**Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro**  
**Director da ERAS - European Review of Artistic Studies Revista**  
**Investigador da Universidade Católica do Porto - Portugal**



*Palestra no I Simpósio Internacional de Investigação em Artes - Europa*



*Professor e pesquisador Marco Aurélio apresentando sua coleção de livros digitais na XVII Bienal do Livro do Rio de Janeiro - Brasil.*



*GEPES em pesquisa de campo e entrevista para TV.*

## Conversa sobre Ecologia Acústica, Ecologia Sonora e Música com o professor e pesquisador Dr. Marcelo Petraglia.



### APRESENTAÇÃO

Para esta edição, temos o prazer de contar com a colaboração do amigo, professor, instrumentista e pesquisador, Dr. Marcelo Petraglia. Nesta oportunidade, Dr. Marcelo nos fala de sua formação e encontro com a ecologia acústica, sonora e musical e dos caminhos que tem trilhado em suas pesquisas recentes. Doutor em Psicologia Social - USP, Mestre em Biologia Geral e Aplicada - UNESP e Licenciatura em Música - USP, Marcelo é uma das maiores referências no assunto e é com muita honra que o recebemos em nosso editorial.

Espero que os leitores aproveitem esta oportunidade.

### **1 Prof. Marcelo, nos fale um pouco da sua formação e experiência na música.**

Considero que minha educação musical começou na Escola Waldorf onde canto e as aulas de música faziam parte do dia a dia. Foi na adolescência que me interessei definitivamente pela música e comecei a estudar clarinete e ter aulas de teoria musical. Nas aulas de teoria penso que o mais importante foi o incentivo que tive de minha professora, Maria Lúcia Paschoal, para compor e colocar minhas ideias musicais no papel. Este era o grande estímulo para de fato aprender como a música era “feita”. Estudei com Ricardo Rizek, um grande mestre da harmonia, do contraponto e da análise musical a quem devo boa parte da minha compreensão sobre o assunto. Cursei licenciatura em música na USP e em paralelo aos estudos, confesso, pouco disciplinado, tocava clarinete na Orquestra Jovem Municipal de São Paulo, tocava e compunha para bandas com amigos e lecionava música para crianças em uma escola. Tive a oportunidade de estudar canto e aprofundar meus conhecimentos gerais sobre a música no Emerson College na Inglaterra. Foi uma experiência importante pois aí me dei conta da centralidade do canto para o desenvolvimento da musicalidade como um todo. Lá conheci o

professor e músico sueco Pär Ahlbom cujo modo intuitivo e extremamente dinâmico de fazer e escutar a música me causou um grande impacto. Por meio dele cheguei a conhecer o trabalho de Manfred Bleffert, um músico ferreiro, com quem depois passei um ano como aprendiz em sua oficina no sul da Alemanha. Esta experiência foi decisiva para meu trabalho posterior, pois voltando ao Brasil passei os 15 anos seguintes forjando instrumentos de percussão de metal em paralelo a aulas para crianças, cursos para músicos e professores e nas brechas compoendo principalmente para teatro, dança e eurtmia. Perguntas sobre as sonoridades materiais, escalas, afinações, questões rítmicas, harmônicas e formais da música, sua relação com a percepção subjetiva e o significado de fazer música para as pessoas, passaram a ocupar o centro de minha atenção. Decidi então voltar a estudar e ingressei no mestrado em biologia na UNESP de Botucatu para pesquisar sobre germinação de sementes sob a ação de vibração acústica e música. Foi maravilhoso adentrar um campo da ciência até então bastante distante... O encontro com o Prof. Ivan Guerrini que dirigia o laboratório de Caos, Complexidade e Fractais (Lab Caos), foi fundamental neste processo. Sai do mestrado com mais perguntas do que entrei. Algumas questões importantes que surgiram foram: qual de fato a relação entre a dimensão acústica e a música? Como entender o conceito de “consciência” em seus vários níveis e daí sua relação com a música. Pode de fato um ente “não humano” ter uma experiência musical? Seria sua experiência restrita ao fenômeno vibratório acústico? Enfim... perguntas que carrego até hoje. Mais adiante, por estar trabalhando frequentemente com oficinas de música voltadas ao desenvolvimento humano no contexto empresarial e novamente me deparar com o poder que a música tem de atuar sobre todos nós, fui simultaneamente cursar a especialização em Musicoterapia Hospitalar e Organizacional na FMU e buscar orientação no Instituto de Psicologia

da USP onde realizei meu doutorado. Fui orientado por Arley Andriolo (mestre e amigo) que num determinado ponto me perguntou: “muito bem, a música é uma coisa maravilhosa, mas se nestas oficinas as pessoas tivessem jogado pingue-pongue, feito caminhadas na mata, ou se dedicado à encenação de uma peça teatral, não sairiam igualmente transformadas? O que a música tem de especial?” Confesso que apesar de achar bastante informado sobre a música, ter praticado e estudado muita coisa, não sabia muito bem como responder esta pergunta. Foi neste momento que, por sorte, um colega (Gregório Queiroz) me apresentou a obra de Victor Zuckerkandl. Ler seus livros, “*The sense of music*”, “*Sound & Symbol*” e “*Man the musician*”, foram talvez a maior revolução que já vivi em minha compreensão sobre a música. A profundidade, lucidez e forma de pensar peculiar deste autor, me impactou de tal maneira que, além de ter dado um suporte teórico central à tese, hoje sigo estudando suas ideias, buscando uma nova compreensão sobre música e seu significado para a vida humana.

## **2 Como e quando o Sr. começou a se interessar por temas relacionados a Paisagem Sonora?**

Acho que a primeira vez que me dei conta de estar imerso em uma “Paisagem Sonora” e passei a refletir sobre ela, foi quando estagiava na oficina de Bleffert. Pode-se imaginar a sonoridade de uma ferraria com suas bigornas, forjas, furadeiras e cinco ou seis jovens aprendizes trabalhando com entusiasmo. Alternavam-se momentos de total caos sonoros com outros onde tudo se harmonizava (muitas vezes dependendo do humor e atitude de escuta dos participantes). A diferença básica era o quanto os sons gerados se auto organizavam gerando eventualmente um sentido no espaço auditivo. Mais tarde com a leitura dos livros de Murray Schafer o conceito de Paisagem Sonora ganhou um novo significado e profundidade. Tornou-se também um campo de ação. Entendi a importância do cuidado ecológico com o ambiente sonoro uma vez que estamos nele imersos, e, ao lado do prazer ou desprazer estético que ele nos proporciona, há questões diretamente ligadas à nossa saúde física e mental que são por ele afetadas. Cheguei a desenvolver alguns trabalhos com colegas da área criando oficinas e escrevendo sobre a percepção do ambiente sonoro em diversos contextos. Para mim é um tema da ordem do dia e um campo onde há muito que se fazer no sentido de ampliar nossa consciência sobre o assunto e implementar medidas práticas para que se tenha um ambiente

sonoro mais saudável. Achei especialmente interessante a oportunidade de em alguns eventos fazer escutas, por exemplo em uma mata e depois com o grupo desenvolver uma criação musical que fosse inspirada por esta escuta. O ponto final do processo era uma apresentação no ambiente que foi estudado onde a sonoridade da paisagem se mesclava à criação musical humana.

## **3 Eventos acústicos e sonoros são distintos, certo? Há distinção entre Ecologia acústica e Ecologia Sonora?**

Para se discutir esta questão, acho importante primeiramente caracterizar alguns conceitos chave. Entendo que o termo “acústica” num sentido geral diz respeito a um processo essencialmente físico, pode se dizer, mecânico; ondas de pressão (alternância cíclica de pressão positiva e negativa) conduzidas através de um meio; seja ele sólido, líquido ou gasoso. Seu espectro de frequência vai dos limites concebíveis dos infrassons aos ultrassons, portanto, abrangem uma gama que vai muito além das capacidades auditivas humanas ou de qualquer animal. Já quando falamos de “som” pressupõem-se um órgão de percepção auditiva, por mais rudimentar que seja. Som é uma experiência da consciência que para tal, necessita de um órgão de percepção e um sistema nervoso capaz de converter um estímulo acústico em uma experiência singular à qual nos referimos quando dizemos “estou ouvindo algo”. Para que fique claro, uma vibração acústica, dentro de certos limites, pode também ser percebida tatilmente; mas isso, mesmo que a membrana timpânica do ouvido “tateie” o ar, não é ainda uma experiência sonora. A vibração acústica precisará ser desconstruída, desmaterializada, convertida em impulsos nervosos e sinapses, antes de miraculosamente poder se manifestar em nossa consciência como o som do mar, o mugido de uma vaca, o som de um avião ou o som de uma flauta longínqua. Assim, porque possuímos um aparato auditivo percebemos uma Paisagem Sonora, que, por sua vez, tem na sua base fenômenos vibratórios acústicos. Mas, devemos ter clareza, na essência são acontecimentos que têm palcos distintos. A vibração acústica pertence aos fatos físicos do mundo, o fenômeno sonoro pertence à nossa dimensão subjetiva. Gostaria de acrescentar ainda um terceiro e um importante fenômeno auditivo que tem relação com os dois anteriores: música. Quando se fala de música reconhece-se que se trata de uma categoria peculiar de fenômeno que é percebido pelo ouvido. De forma simples e direta pode-se

dizer que sabemos que estamos percebendo música quando os sons que se escuta deixam de ser atributos de objetos (sejam eles naturais ou criações humanas – o mar, um animal, uma máquina, etc...) e tem como sentido a relação intrínseca que estabelecem uns com os outros. Os sons da Paisagem Sonora são todos “sons de...” alguma coisa, nos referimos a eles pelo nome da coisa que o produziu, e são de certo modo atributos indissociáveis dessa coisa. Nota-se também que não há entre eles uma relação de necessidade ou interação natural. O som do regato não demanda nada ao som do avião que passa ou ao som das folhas que são agitadas pelo vento. Eles todos acontecem no mesmo ambiente e eu posso ou não projetar subjetivamente uma relação ou algum significado à sua co-manifestação. No caso de uma melodia, a situação é totalmente diferente. Seus tons são totalmente integrados em um sistema. E embora se manifestem igualmente num ambiente acústico-sonoro, são na sua essência imunes a ele. Não fosse assim não ouviríamos a resolução de uma cadência harmônica, muito menos pausas como eventos de alto significado musical, na música tocada por uma banda num bar barulhento. Tons se ligam intrinsecamente uns com os outros. Fazem demandas uns aos outros, agem e reagem entre si e o que se aprecia musicalmente como ouvinte são as relações de força, equilíbrio e desequilíbrio, incompletude e satisfação que são dadas pelos próprios tons e ritmos. Considerando então o todo da experiência auditiva, temos que os fenômenos acústicos, sonoros e musicais, embora conectados, manifestam-se cada um em uma dimensão distinta da existência. Assim também se pode falar de uma escuta acústica-sonora e uma escuta propriamente musical. A primeira compartilhamos como todos os demais seres que possuem um sistema auditivo, a segunda me parece ser uma capacidade exclusivamente humana, visto que os animais, mesmo os primatas mais desenvolvidos, não possuem uma manifestação propriamente musical. Vale dizer que o que chamamos de “canto dos pássaros” ou “canto das baleias” é antes de tudo um conjunto de signos sonoros ligados diretamente ao instinto de sobrevivência determinado pela espécie; tem função comunicativa mas não artística, e não possui significado autônomo fora da função à qual está atrelado. Já a criação musical humana é individualizada, converte-se em obra autônoma de estrutura puramente relacional (podemos transpor, acelerar e alterar a intensidade de uma melodia e mesmo assim preservar sua identidade) e até o momento

não se encontrou uma evidência de seu papel enquanto fator evolutivo, e se é que existe não creio que seja de cunho biológico. Retomando o assunto, entendo que faz sentido falar em uma Ecologia Sonora como estudo e busca de um equilíbrio saudável dos fenômenos sonoros em geral. Uma educação para uma consciência ecológica do ambiente sonoro se faz portanto necessária, especialmente num mundo tão saturado de estímulos, na maioria das vezes caóticos, como o que vivemos atualmente. Já uma Ecologia Acústica deveria tratar da questão num nível muito mais básico: o nível puramente físicos das vibrações desde o infrassom ao ultrassom. Por fim, para a música mesma, estas são questões que, quanto à sua essência, não lhe dizem respeito. No máximo poderia sofrer a supressão da percepção dos próprios tons por uma abusiva intensidade acústico-sonora do ambiente. Dito tudo isso, é necessário todavia ponderar que não se ignora que a manifestação musical fazendo ela mesma parte do ambiente sonoro (uma vez que também é um fato sonoro e acústico) contribui para a qualidade positiva ou negativa deste ambiente na medida em que se coloca em harmonia ou desarmonia com os demais elementos sonoros que constituem este ambiente e o alcance espacial do mesmo.

#### **4 A quais pesquisas o Sr. tem se dedicado atualmente?**

No momento tenho me dedicado a algumas questões relacionadas à música, no que diz respeito a seu surgimento enquanto manifestação particular em uma obra musical e que forças operam em sua “biografia”. Acho que é uma tentativa de compreender a música realmente como algo vivo. Este estudo tem tido forte aporte das ideias de Arthur Schopenhauer, Heinrich Schenker e Victor Zuckerkandl a respeito da música. O elemento central é reconhecer a música como expressão direta de uma potência volitiva (talvez universal). Estou elaborando, por exemplo “mapas de força” de diversas escalas e modos. Ou seja tentado identificar qual a vontade natural de cada tom num determinado contexto tonal. Percebi que há situações óbvias e outras um tanto ambíguas, há também diferentes graus de intensidade de atração entre os tons e que a mudança de um modo a outro causada pelo deslocamento de um semitom afeta não somente seus vizinhos imediatos mas igualmente todos os outros graus do modo. Estou também tentando caracterizar os significados resultantes de interações melódicas (e harmônicas) com padrões

rítmicos e estruturas métricas. Para isso crio alguns experimentos, por exemplo: observo o que sucede com as qualidades das três funções harmônicas básicas (tônica, subdominante, dominante) quando recaem sobre cada um dos tempos de um compasso ternário: T-1, S-2, D-3, depois D-1, T-2, S-3 e por fim S-1, D-2, T-3. A princípio parece algo trivial. Mas quando a escuta se conecta com as forças manifestas em cada uma das situações, nos damos conta de como o elemento da métrica modula o caráter harmônico e com isso o significado musical em si. Vemos aqui que a escuta musical transcende o dado acústico-sonoro e encontra algo que é pura força. Me arrisco a dizer que a música mesma não deixa rastros no plano físico. O mesmo tom que num momento é a fundamental de um acorde e depois é a quinta de outro acorde (portanto possui significados musicais totalmente distintos), é exatamente o mesmo no osciloscópio sob o olhar do engenheiro de som. Por fim, não há como negar que a música é um fator ambiental por excelência. Ela ocupa e transforma o espaço e tempo onde soa e o estado de seus ouvintes. Assim ao lado de uma Ecologia Sonora que deve lidar com os eventos de uma paisagem de sons em geral, poder-se-ia pensar em uma Ecologia da Música. Seu campo seria o estudo das forças tonais, rítmicas e musicais no ambiente anímico do ser humano. Algo assim me parece por exemplo viável e desejável no que diz respeito ao estudo das aplicações da música no campo da musicoterapia e da educação musical (e por que não também da sala de concerto?).

### **5 O Sr. é diretor e fundador do Instituto OuvirAtivo, fale-nos um pouco sobre este trabalho.**

O nome OuvirAtivo foi concebido originalmente para ser a marca dos instrumentos musicais que produzíamos na oficina-ferraria em Botucatu-SP onde vivi por muitos anos. Com a mudança do foco do trabalho para a área educacional, juntamente com alguns colegas decidimos constituir o Instituto OuvirAtivo, o IOA. Por meio dele oferecemos ao longo de muitos anos oficinas temáticas ligadas à criação musical, ecologia sonora, produção de instrumentos musicais, facilitação musical para grupos, atividades musicais para empresas, cursos para profissionais e estudantes de educação musical e musicoterapia. O projeto Antropomúsica que aconteceu de 2006 a 2018 foi uma realização importante neste período. Hoje, na prática o IOA funciona de forma virtual e a atividade diminuiu consideravelmente em função do momento pandêmico e também

por conta de cada um dos envolvidos ter assumido outros projetos. Pode se dizer que estamos num momento mais reativo do que pró-ativo, atendendo as demandas que surgem e discutindo internamente a retomada de alguns projetos que consideramos importantes e eventualmente a criação de novas atividades. Mesmo assim o trabalho continua, com grupos de estudos, alguns cursos online. Mais que tudo, há o desejo de dar continuidade à missão do IOA: apoiar o desenvolvimento integral de pessoas, grupos e organizações por meio de uma prática musical inclusiva, sensível e significativa; apoiar o desenvolvimento de profissionais e estudantes da área da música no seu fazer artístico, pedagógico, terapêutico e social; encontrar, inventar, documentar e publicar ideias, conteúdos e ferramentas para o trabalho com a música em suas várias aplicações. Assim esperamos em breve poder adentrar um novo ciclo de realizações de maior amplitude alcance, pois interagir com pessoas e fazer música nos dá muita alegria e satisfação!



Prof. Dr. Marcelo S. Petraglia  
[www.ouvirativo.com.br](http://www.ouvirativo.com.br)  
[www.marcelopetraglia.com.br](http://www.marcelopetraglia.com.br)

**Prof. Dr. Marco Aurélio A. da Silva -**

Editor responsável



**C**arioca, é Professor, no Departamento de Música da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, pesquisador, instrumentista, compositor, arranjador e produtor musical. Iniciou seus estudos musicais aos 10 anos de idade, tendo a formação erudita como primeiro contato com a

arte musical. É Doutor em Ciências da Educação pela Escola de Ciências Humanas e Sociais (ECHS) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/UTAD (Portugal), reconhecido/revalidado como equivalente ao Doutorado em Educação na Universidade de Brasília/UnB - nota 5 CAPES - com pesquisa que faz interface entre música, educação e acuidade sonora. Realizou seu estágio PósDoutoral em Artes - área de concentração Música - no Departamento de Artes e comunicação da UTAD (Portugal). É formado em teoria musical, solfejo e percepção musical (Conservatório Brasileiro de Música), Bacharel em Música com habilitação em contrabaixo -, Licenciado em Música, Especialista em Docência do Ensino Superior, Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, Doutor *honoris causa* em Letras e Artes pelo Centro de Estudos Históricos de Kastória - Grécia e Doutor h.c. em Filosofia e Estudos Históricos pelo Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos (Instituição reconhecida e cadastrada na ONU).

Gravou e produziu diversos Cds, realizou vários shows e concertos ao lado de diversos artistas da música instrumental e popular em casas e teatros de renome. Como professor há mais de 30 anos, acumulou experiências que estão em seus diversos livros editados. Tem se dedicado a educação e, de 2003 a 2004, foi Diretor, Coordenador Pedagógico e idealizador da Escola Municipal de Música Pixinguinha em São Gonçalo - RJ; em 2005 assumiu a Superintendência de Música da Fundação de Artes de São Gonçalo - RJ, cargo que ocupou até 2006; foi Professor Titular de técnica e prática instrumental, prosódia musical, estética, apreciação musical e história da música no Curso Superior do Conservatório de Música de Niterói, também até 2006; é Produtor musical de trilhas para TV, teatro e cinema, além disso, foi professor titular da disciplina Oficina de Cordas da Escola Superior em Música da Universidade Candido Mendes - Nova Friburgo - RJ, e professor I - contrabaixo - na Escola de Música do CETEP-FAETEC no Rio de Janeiro, coordenando o projeto "Orquestra de Música Popular - OMP - uma ação inclusiva". Possui larga experiência em coordenação de projetos culturais e sociais, coordenando, durante 10 anos, os projetos culturais das Aldeias Infantis SOS Brasil, no Rio de Janeiro, onde foi responsável por diversos projetos musicais sendo: Orquestra Sinfônica Jovem, Orquestra Jazz Sinfônica Jovem, Coral e Musicalização infantil, tendo através destes projetos, vários jovens com curso universitário de música concluído; outros cursando, inclusive mestrado e doutorado, e ainda, alguns, já profissionais, atuando na área musical em gravações e shows. Foi músico/contrabaixista efetivo da Orquestra Sinfônica da Fundação Educacional de Barra Mansa, no

Rio de Janeiro, de 1989 a 1996. Possui extensa discografia onde atuou como músico, arranjador e produtor musical, destacando-se: Roberto Menescal, Tânia Machado, Jacyra Silva, Fernando Araújo, Neuma Morais, Zélia Duncan, Sérgio Nacif, Tião Neto, Zeca do trombone, Chico Batéra, Marcos Sabino, Carlos Vereza dentre outros, em casas e teatros renomados como: Jazzmania, Teatro Municipal (Rio), Sala Cecília Meireles, Teatro João Caetano, Teatro Gacemss, Teatro da FAAPS (SP), Teatro da UFF (Rio), etc, além de grupos sinfônicos tendo gravado inúmeros programas de TV e rádio bem como, diversos Cds.

Foi produtor musical, arranjador e instrumentista nos CDs "Aqui estamos pra Cantar" e "Amo você", ambos do coral do Lar de Frei Luis, no Rio de Janeiro. Foi Produtor e diretor musical do Festival de Música de São Gonçalo em 2005, e Produtor musical do CD do Festival de Música de São Gonçalo - 2006; Produziu CDs de canções infantis; Produziu a trilha sonora da peça "Este programa pertence a vocês" do ator e diretor Carlos Vereza - ator exclusivo da rede globo de televisão -, acompanhou o violonista, compositor e arranjador João de Aquino de 2008 a 2009, ainda em 2009, lançou seu primeiro CD solo instrumental "Trilhas" e atualmente, está em estúdio gravando seu novo álbum a ser lançado em 2022. Atuou também como consultor *Ad. hoc.* da Revista Educação em Foco - publicação da UEMG, elaborador de questões para o programa de proficiência da Universidade *KROTON - Universidade Corporation* e Diretor Artístico da Orquestra Sinfônica Solar Meninos de Luz. Não acreditando existir, na música, linha divisória entre o erudito e o popular, dedica-se a pesquisas em que faz interface entre música, educação e ambiente, sendo responsável pela construção, validação e difusão do conceito que chama "Audição Inteligente-AUIN".

Atualmente, exerce sua cátedra no Departamento de Música da Universidade Federal do Maranhão, é pesquisador e professor no Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, também na UFMA, consultor *Ad. hoc.* *Brazilian Journal of Education Technology and Society - BRAJETS*, membro da comissão científica da *European Review of Artistics Studies - ERAS*, e se dedica ao seu trabalho artístico como compositor, arranjador, instrumentista, e produtor musical.

**Ficha técnica**

Produção textual, editoração, revisão, diagramação e criação:  
Prof. Dr. Marco Aurélio A. da Silva

Colaboração:  
Munique Teixeira da Silva

Realização:  
GEPES/PROFARTES/UFMA

Parceria  
ERAS/MUNDIS

Contato:  
[marcoareliomusica@icloud.com](mailto:marcoareliomusica@icloud.com)  
[marco.aparecido@ufma.br](mailto:marco.aparecido@ufma.br)  
[gepesmusica@gmail.com](mailto:gepesmusica@gmail.com)